



A experiência do projeto “Um toque que salva vidas”: ressignificando a agricultura urbana.

The experience of the “A touch that saves lives” project: redefining urban agriculture.

MORO, Eduardo¹; RODRIGUES, Flávio²; HOELLER, Silvana³.

¹ UFPR, dudumvb@outlook.com; ² Fundação TOQUE, rodrigues.manifesto@gmail.com;

³UFPR, silvanahoeller@gmail.com

RELATO DE EXPERIÊNCIA TÉCNICA

Eixo Temático: Agricultura Urbana.

Resumo: O projeto um “Um Toque que Salva Vidas” desenvolvido na cidade de Araraquara, interior de São Paulo, realizado na zona norte da cidade, mas especificamente no Bairro Vale Verde, surge como uma demanda, mas também uma necessidade de se buscar alternativas de combater a fome e a insegurança alimentar dessa região, por meio da implementação de hortas agroecológicas. A forma de instalação das hortas se deu sem custo nenhum para as famílias envolvidas, foi realizada uma entrevista com as pessoas que possuíam um perfil de fragilidade econômica, social e alimentar. No total foram realizadas 150 hortas em um período de 5 meses, sendo cada horta feita por uma equipe de cinco educadores sociais. Além das hortas, as famílias receberam uma cesta básica e um kit de ovos, com o intuito de manter a segurança alimentar. Também estava incluído a distribuição de um kit de ferramentas para a realização e manutenção da horta.

Palavras-Chave: Hortas Urbanas; Agroecologia; Araraquara; Crianças e Adolescentes.

Contexto

O projeto, “Um Toque Que Salva Vidas”, foi fruto da iniciativa de um amigo, que é morador do bairro Vale Verde, do município de Araraquara, conjuntamente com integrantes da Fundação Toque. Maturado desde os tempos da pandemia, teve seu surgimento conectado à problemática, de se pensar em como gerar alimentos para as pessoas do bairro Vale Verde por meio de hortas urbanas em suas residências. Depois de alguns anos de maturação, na transição do ano de 2022 para 2023, foi realizada a captação de recursos da prefeitura de Araraquara, com isso deu-se o início, a possibilidade de realização do projeto “Um Toque que Salva Vidas”, que foi desenvolvido durante cinco meses de novembro de 2022 até março de 2023.

A cidade de Araraquara, assim como todas as cidades do Brasil, em maior ou menor grau, enfrentou os problemas decorrentes da Pandemia de Covid 19, fragilizando as famílias carentes do município, tendo algumas regiões do município que apresentaram um aumento dos casos ligados à fome, ao desemprego, à desunião e ao desamparo. Nessa região esses aspectos foram acentuados, principalmente durante o período pandêmico, isso levou a escolha do bairro Vale Verde, para que o projeto fosse executado.



O projeto foi desenvolvido na região do Residencial Valle Verde, Zona Norte de Araraquara, sendo selecionada como ponto inicial, por ser um bairro próximo de onde um amigo mora, onde este amigo conhece bem a realidade do local. Com este contato constante com aquelas famílias, que possuem situações de precariedade, apresentam indicadores críticos de qualidade de vida e alta concentração de pessoas fragilizadas, que possuem em sua composição em sua maioria, crianças e/ou adolescentes.

O objetivo deste relato técnico de experiência foi refletir sobre os impactos da implantação das hortas agroecológicas na realidade das famílias que foram envolvidas no projeto “Um Toque que salva vidas”. Portanto, busca-se entender como a aplicação das hortas urbanas afetou a qualidade de vida das pessoas, se houve uma melhoria na alimentação, se serviu como terapia, como forma de unir a família, entre outras possibilidades. Outro objetivo foi relatar as experiências de adentrar diversas casas, observar realidades das mais variadas, enquanto um participante e educador social que ajudou na implantação e desenvolvimento do projeto.

Descrição da Experiência

Adentrar mais de 70 casas em cinco meses foi de uma intensidade enorme, principalmente pois são realidades das quais não me tangenciam, não sendo morador do bairro em que se localizou a realização do projeto, quando ficava sabendo dos dados ou dos acontecimentos os via somente por números em noticiários ou por conversas com pessoas diversas. Porém, a partir do momento que estes dados e números deixam de ser apenas fontes e passam a ter nome, cara, cor, gênero, etc. O impacto se torna maior ainda.

A realização do projeto se deu por meio da implantação de 150 hortas em formatos de mandalas, fundamentadas nos princípios da agroecologia. As hortas eram realizadas dentro da residência das pessoas nos seus quintais, seguindo um padrão de tamanho e quantidade de mudas. Juntamente com a horta também foram instaladas composteiras de aeração passiva.

Para executar esse projeto foram organizadas duas equipes, compostas por cinco educadores sociais de diferentes áreas com características diversas, alguns já possuíam contato com o trato da terra, outros não, alguns são residentes do bairro outros não, as equipes então eram pensadas com a maior diversidade possível. No planejamento que foi traçado pelo projeto constava a instalação de uma horta por dia por cada equipe, totalizando trinta hortas ao final de cada mês.

Pensando na realidade local e na fragilidade econômica, social e alimentar das famílias envolvidas no projeto, no dia da implementação da horta agroecológica, nós fizemos a distribuição por família de: uma cesta básica; uma cartela de 60 ovos; marmitas para os integrantes do núcleo familiar. É importante ressaltar que



pensando na manutenção da horta a longo prazo, também foi distribuído um Kit de ferramentas, que era composto por: uma enxada, enxadao, rastelo e regador.

Para aproximar as famílias que tinham o perfil de fragilidade econômica, social e alimentar, fizemos a divulgação do projeto por meio das redes sociais, pelas escolas dos bairros, pelo Centro de Referência e Assistência Social – CRAS e utilizamos a comunicação entre as pessoas. Quando iniciamos a instalação das hortas, esse processo chamava a atenção da vizinhança, que acompanhava com curiosidade o desenvolvimento do projeto e sentiam o interesse para se juntar às ações.

Para a seleção das famílias que receberiam a horta era necessário somente dois pré-requisitos, terem crianças ou adolescentes em suas casas e serem cadastradas no cadastro único. Após a seleção era feito um questionário com as famílias, para que futuramente houvesse uma análise dos impactos que as hortas gerariam nestas residências.

A implementação da horta nas residências era realizada de forma que houvesse uma maior interação possível com a família, para que ela participasse de todo o processo, desde o levantar dos canteiros até o plantio, sempre trazendo as crianças e adolescentes para participarem. Esse modo participativo foi escolhido com o intuito que todos os indivíduos da residência se tornassem pertencentes e futuros cuidadores daquele espaço. As crianças sempre se mostravam mais abertas, dispostas a ajudarem, sempre sorrindo, brincando, reconhecendo e se maravilhando com aquelas pequenas mudas que um dia se tornariam grandes alimentos.

Foram plantadas mais de vinte espécies em cada casa, desde hortaliças em geral, como: alface, couve, brócolis, cenoura, até plantas medicinais como a babosa, o capim limão, incluindo também frutíferas como a bananeira e o mamoeiro.

Após a participação e a implantação da horta em cada residência, num período de 30 dias a equipe retornava ao local, para a realização de um segundo questionário de acompanhamento, que analisava os resultados após a implementação da horta. Também era realizada uma visita para observar o processo do desenvolvimento das culturas na horta e da composteira.

Além de todo este processo, também foi criado um grupo no WhatsApp com todas as famílias que participaram do projeto com o intuito de auxiliar nas dúvidas, possibilitar troca de informações, aprender formas de manejo, ajudar no trato com as plantas e na venda de mudas.

Resultados

Após a realização do total de 150 hortas e da aplicação dos questionários sobre os impactos das hortas na vida das famílias, foi possível obter alguns resultados desse processo de acompanhamento. Primeiro, tivemos em torno de 80% das famílias que relataram que deram continuidade à horta, mesmo após o fim do projeto.



Em torno de 75% das famílias doou uma parte do excedente de sua produção, 5% venderam e 20% naquele período do questionário realizado, ainda não havia colhido. Esse dado de 75% que foi destinado a doação pelas próprias famílias, mostrou uma relação entre as pessoas das comunidades, um reconhecimento e uma importância que se dá ao outro, através da partilha e da situação de fragilidade que envolve a comunidade.

Houve uma melhoria de 95% da alimentação das famílias, devido a inclusão de alimentos diversos nas refeições, sendo estes alimentos advindos de sua horta e produzidos por nenhum tipo de veneno. Com esse dado atingimos a questão da insegurança alimentar, que na região se mostra cruel, mas que com o projeto foi amenizada. Houve também uma economia na questão alimentar, em que 90% das famílias reduziram os custos com alimentos que eram adquiridos no mercado.

A partir das análises obtidas pelos questionários foi percebido que houve um aumento da qualidade de vida dos familiares da comunidade da Zona Norte de Araraquara. A qualidade de vida se traduz na melhoria alimentar com uma importante diversidade de alimentos para as famílias. Houve também um impacto financeiro positivo, em que houve uma economia nas compras realizadas no mercado e possivelmente uma melhoria na saúde, pois os alimentos consumidos da horta eram livres de veneno.

Concluindo, foi notável como um dos fatores importantes do projeto foi a questão de retomar o contato com a terra e com o ato de plantar, a busca em restabelecer o vínculo familiar na produção de alimentos e da compostagem do seu lixo. Resgatando um conhecimento que se foi retirado das comunidades, o de plantar, o de ter o trato com a terra. Assim foi pensada na possibilidade da horta também como uma forma de ressignificação de um espaço das suas residências, como o quintal, em que em algumas situações estavam sofrendo com os entulhos. E também pensar nas crianças, como futuras plantadoras, para que elas também se mantenham plantando, tratando da terra e cultivando seu próprio alimento.

A necessidade de buscar este conhecimento novamente é latente, incentivando o contato com a terra. No caso do projeto, grande parte das casas era do programa 'minha casa minha vida', possuindo assim um quintal padrão de terra, porém as pessoas não plantavam nestes quintais, usavam o para outras utilidades, ou deixavam o espaço abandonado, não plantando, as vezes por uma questão de não saber como começar, ou por não acreditar na possibilidade, mesmo já tendo hortas em residências anteriores ou ter morado em sítios, etc. Ficando-se assim uma contradição que companheiro Preto sempre me dizia e me chamava a atenção, como: entender as pessoas passando fome em frente a terra? Que conhecimento é este que nos foi retirado? Por que as pessoas já não possuem mais este trato?



Agradecimentos

Ao Preto, meu grande amigo, professor de capoeira e ex-chefe, a quem me ensina tanta coisa e também por ter me chamado para este projeto

A todas as pessoas que trabalharam comigo nestes cinco meses, que foram minha família, Seu Cláudio, Seu Vicente, Tata, Duda, Zilda, Dan, Jaque e seus filhos, Lulu, Evandro, Guina, Matheus, Marcia e Luciano.

E a minha professora e orientadora Silvana.